

Verdadeiro ignorante é o ignorante que julga não ser.

ANO V — N.º 133
SETEMBRO
15
1957

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
FARO
Telefone 154

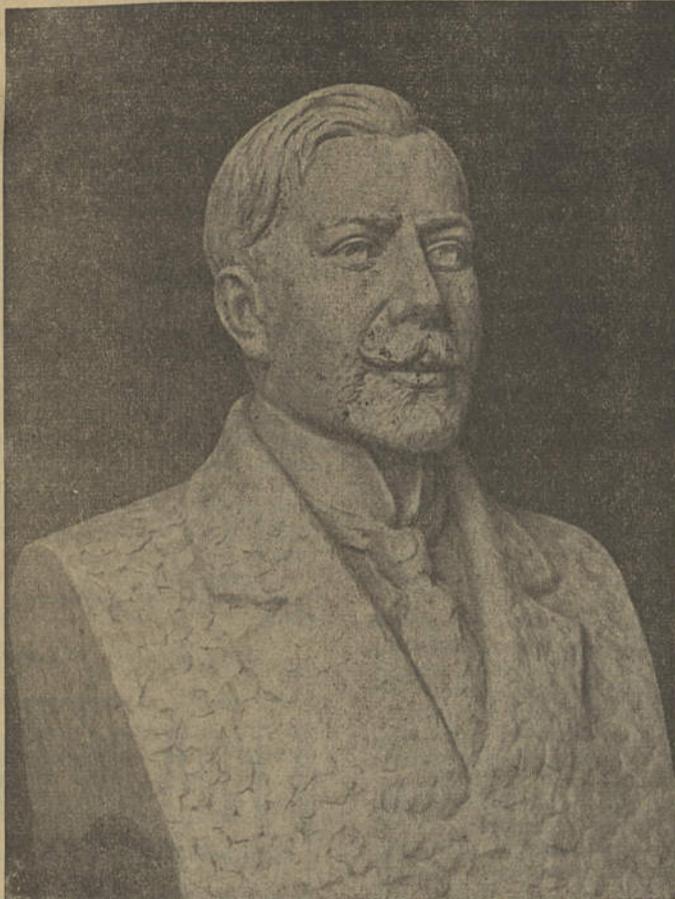
DIRETOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216
L'OLÉ



Bernardo de Passos



O poeta algarvio a quem a terra natal — S. Brás de Alportel — presta hoje merecida homenagem, inaugurando um belo monumento na sua melhor praça.

Poeta todo coração, beleza e simplicidade, estravasou da sua alma a verdadeira obra-prima de ternura lírica que são todos os seus versos e se é certo que dominado pelo panteísmo da sua formação filosófica, o lirismo de Bernardo de Passos, por vezes, o

que de mais elevado pode ansear uma alma cristã — o amor, o bem e a beleza.

Perfeitamente intelectável pelo povo, para quem parece ter escrito e retintamente algarvio, como o classifica Júlio Dantas, Bernardo de Passos bem merece que o Algarve esteja presente, com os seus conterrâneos, nas evocações que hoje se fazem em sua memória.

Um notável melhoramento nacional

Noticiou «O Século» do dia 12, que foram dados por concluídos os estudos a que o Estado mandara proceder sobre o momento problema da ligação rodoviária ferroviária sobre o Tejo.

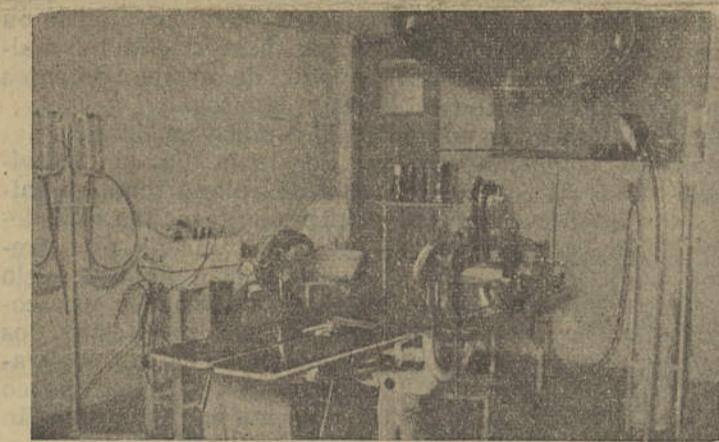
Entre as duas hipóteses encaradas — ponte ou túnel — parece ter-se chegado à conclusão de que é de adoptar a primeira para o transporte de veículos e passageiros e a segunda para os transportes ferroviários, com opção pela construção imediata da ponte entre Alcântara e Almada.

Em magnífico e bem concebido editorial, espraiia-se o autor do mesmo em exaltar o valor de tal empreendimento, pelas vantagens e interesses que advém da sua execução, para a expansão da sua capital e das regiões que lhe ficam fronteiras, para a b...z

arquitectónica com que se engrandece o estuário do Tejo, para a grande projeção de valor material e social que resulta da obra para a classe operária, a quem a ponte facilitará a resolução de um problema habitacional em circunstâncias melhores sob o ponto de vista económico e h...nico:

E te é o problema visto à luz do interesse da grande urbe, da nossa linda e esplendorosa capital, isto é, o problema posto de cima para baixo, como convém e impressiona a quem vive em Lisboa e tem de dar, incontestavelmente, primazia a esta face do momento e maravilhoso empreendimento.

Mas onde o mesmo assume as altas e díntimas características de melhoramento nacional. (Continuação na 4.ª página)



Aspecto de uma das salas de operações

DECORRIDO o primeiro ano sobre a entrega do hospital desta vila à direcção clínica do nosso querido e velho amigo Dr. Manuel Soares Cabeçadas, pareceu-nos conveniente elucidarmo-nos sobre a vida daquela instituição para, assim, informarmos os nossos leitores.

Sempre entendemos que, de harmonia com a tão genuinamente portuguesa tradição das Misericórdias, a estas santas casas deveria ser entregue toda a assistência (médica e social) dos concelhos

Sem necessidade de comissões de assistência, de associações de mendicidade e outras, que se dispersam, duplicam serviços e multiplicam e dividem a necessidade do contributo da generosidade das bolsas particulares, às misericórdias devia caber a acção assistencial de cada concelho.

Deste modo elas teriam os seus serviços de assistência à pobreza, por meio de sopas, subsídios e serviços sociais, de assistência na doença por intermédio dos seus hospitais e até de assistência moral, espiritual e religiosa pelo espírito que sempre presidiu à sua criação e está na base e na letra dos compromissos, mesmo os coevos do período de laicismo oficial activo.

A assistência das Misericórdias abrangeia os dela necessitados desde o período pré-natal até à morte, porque a elas pertence o fazer o funeral dos indigentes.

Os tempos, porém, esqueceram o espírito cristão das Misericórdias que só por arreigada tradição nas almas continuaram, sem conteúdo real, a qualificar-se de Santas Casas.

Foi assim que, reduzida a

caridade mais ou menos oficial, a assistir na doença, os hospitais das Misericórdias se hipertrofiaram dentro da instituição e as absorveram hoje as Misericórdias limitando-se, praticamente, a constituir o substrato da burocracia administrativa do hospital.

Pena foi que — a quebra da tradição seca a beleza do que é nosso, mesmo nos melhores — ao edificá-la a assistência oficial se não tivesse olhado para as Misericórdias como instituições próprias para, na unidade conveniente, exercer a

Ouvindo o Dr. Manuel Cabeçadas, Director clínico do Hospital da Santa Casa da Misericórdia

revista e até feita com colaboração activa do entrevistado — é que a redacção das respostas e a interpretação que traduz, são da nossa exclusiva

ver como isto vai correndo. — É uma espécie de balanço do ano... E que tal, está satisfeito?

E o Dr. Cabeçadas res-

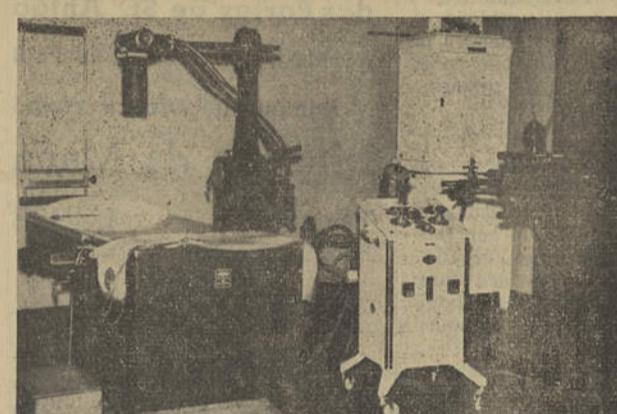
Um instante à fala da fé

O sr. Doutor
Manuel Ca-
beçadas pre-
para-se para
mais uma in-
tervenção ci-
rúrgica



responsabilidade e o Dr. Cabeçadas desculpará-se, por deficiência nossa, em algum menor, o seu pensamento fôr vazado em forma que a ele se não ajuste com rigor.

A conversa foi travada na



Serviços de Radiologia

diversidade de assistências a efectuar nos concelhos.

Vem isto a propósito pelo facto de, sendo o hospital uma dependência da Misericórdia, a ele se reduzir toda a acção daquela. Por isso o louletano, irmão da Misericórdia, considera-se apenas uma espécie de associado do hospital, mas um associado activo, de paixão.

Mesmo longe, o louletano não esquece o hospital da sua terra e dai ter sido Loulé, há longínquos 30 anos, uma das primeiras terras de província a ser dotada de Raios X, devido à generosidade de seus filhos, emigrados nos Estados Unidos da América.

Porque talvez dentro em pouco se proporcionem oportunas circunstâncias para que os louletanos exerçam a sua generosidade, quiz mos dar aos nossos leitores uma informação tão completa quanto possível sobre a actividade e situação hospitalar.

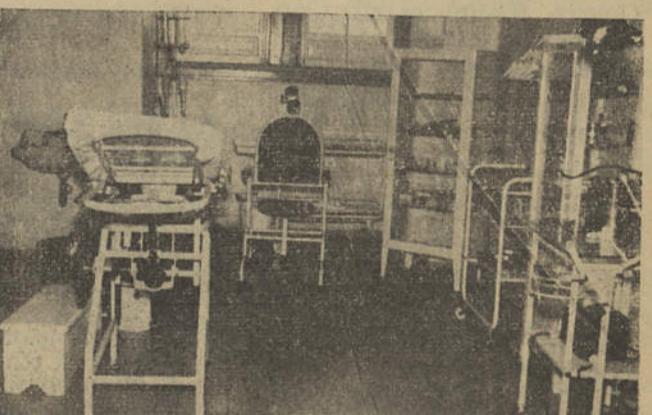
Todos gostaríamos que o nosso hospital fosse, em instalações, em apetrechamento, em serviços clínicos e assistenciais, o melhor do mundo, pelo menos o motivo de orgulho por que nos ufanamos desde há anos.

Ouçamos o seu dedicadíssimo director clínico.

Não se segue uma entrevista, mas o relato de uma conversa, o resultado de uma troca de impressões com o Dr. Manuel Cabeçadas e justamente porque não quisemos fazer uma entrevista — em regra

secretaria do hospital e interrompeu o estudo dos livros da escrita que o nosso amigo então fazia e por isso pôde ser ilustrada com elementos que ele próprio nos mostrou, números frios em que está condensada

Sala do Banco para tratamentos de urgência



e sintetizada a vida palpante, intensamente vivida, dentro do edifício. Essa vida é efectivamente, o sangue que garante no nosso hospital a sua eficiência e o torna, cada vez mais, mais insuficiente.

Não é paradoxo, porque quanto melhor é um serviço, mais procura tem, mais necessidades cria a si próprio e menos completo se julga.

Quanto mais perfeita é uma alma, mais imperfeições reconhece em si e maior é a sua sede de perfeição.

Mas não insinuemos conclusões; não queremos influir no leitor. Ele que conclua.

A conversa começou. — Apurando resultados, não?

— É verdade, estamos a

ponde: — Contente. Contente com o que foi possível fazer, mas não satisfeito. Dever-se-ia fazer muito mais e só há satisfação quando se consegue tudo quanto faz falta fazer.

Quanto a balanço, esse faz-se de cabeça.

Estou a ver a papelada para ver até onde se pode estender o pé.

— Sim, elucidar o Dr. Cabeçadas, temos constantemente de estar a par das possibilidades financeiras da casa, quer para nos limitarmos na adquisição do material conveniente quer até para, com o menor prejuízo para o doente, adaptarmos o próprio receituário às disponibilidades da tesouraria.

— Isso quer dizer que Me...sa e Director clínico colabram intimamente.

— É indispensável. Tem de haver perfeita conjugação nos esforços e acção de cada um. Ambos vivemos os pro-

Na posse do novo Presidente da Câmara de Loulé



O sr. José João Ascenso Pablos, no momento em que assinava o acto de posse do cargo de Presidente da Câmara Municipal de Loulé, realizado no Governo Civil de Faro, no pretérito dia 3

O Liceu de Faro é já insuficiente

AQUELE enorme edifício, cuja capacidade parecia estar longe de se esgotar quando projectado e construído, não conseguiu este ano, em condições normais, alojar a sua população escolar. Efectivamente, considerado o número de alunos inscritos logo se verificou que estes excediam, em cerca de 82, o número que, em número já de super lotação era possível acomodar.

No entanto, mediante a boa vontade do respectivo reitor e do Ministério da Educação Nacional lá se conseguiu utilizar umas salas próprias para

(Continuação na 2.ª página)

blemas da Instituição, pois só assim, com uma visão conjunta e integral da sua vida, ela pode satisfazer com plenitude, dentro dos limites das suas possibilidades, os fins que estão na sua razão de ser.

Recuámos uns anos da nossa vida e comentámos:

— Quando há mais de 15 anos por aqui passámos, também o equilíbrio orçamental era a preocupação das Mesas e nem sempre as ajudas oficiais correspondiam às necessidades ou ao esforço dispensado.

Sorrindo, Dr. Cabeçadas informa:

— Isso há-de ser sempre assim, mas a Direcção Geral (Continuação na 3.ª página)

Por decreto publicado no «Diário do Governo» de 12 do corrente, foi criada a Escola Industrial e Comercial de Loulé

18 SET 1957

«Loulé... em retrato»

Vamos lá perceber estes leitores!

Se escolhemos para fotografar um assunto de interesse para o concelho, um tema que nos parece aliciante para o bem estar colectivo, todos procuram encontrar-lhe maldafe, segunda intenção, insinuação verrinosa e daf afirmarem que é critica destrutiva.

Escreve-se, como no último número, uma crónica ligeira, de certo sentido chocarreira e humorística e então tudo acha graca. Assim sucedeu com a vinda da Mariazinha à Praia, tudo se alegrou com as preocupações e reacções da pobre serrenha que ainda não vira o mar nem a Praia.

«Que engraçado, que interessante, que bem observado que estavas...»

Pois já que assim é e gostaram e porque a época balnear ainda vai em meio, com toda esta calmaria que nos afflige e o entusiasmo pelos encantos da beira mar, vamos continuar a história da Mariazinha da Serra, depois de ter comprado o fato de banho às riscas.

Mariazinha regressou ao quartel encantada com a compra do fato de banho. Logo que se fez noite, vestiu o fato e à luz da candeia de azeite que as senhoras Silvinhas trouxeram lá do sítio, deu-se em observar que tal lhe ficava. Ficou tão encantada que resolveu dormir de fato de banho.

Na manhã seguinte, ainda a madrugada, luzia tenuamente lá para os lados de Espanha, já a Mariazinha, inquieta perguntava à sr. Jaquina — a mais nova das Silvinhas — já são horas de ir ao Banho?

Dorme rapariga, que nós te acordaremos em sendo tempo.

Mas a Mariazinha não socegava. Queria fazer figura, uma vez que lhe davam liberdade de mostrar aquilo que andava tapado o ano inteiro.

Pensava que ia deslumbrar toda a gente e dai quem sabe? De uma coisa tinha ela a certeza.

Era que ela seria a mais elegante do banho dos «ingleses», que ao nascer do sol procurava o fresco das salsas ondas...

Mariazinha queria ir logo em fato de banho.

As Silvinhas disseram-lhe que não era bonito, que não ficava bem. Que vestisse um vestido ou pelo menos a combinação por cima, e junto do mar logo se apresentaria em fato de banho.

Juntou-se ao grupo dos «campanicos» e lá foi, mais feliz do que se lhe dissessem que a «mar-

Propriedades

VENDEM-SE

Um monte de terra de semear, com alfarrobeiras, amendoeiras e casas de habitação e outra com terra de semear, amendoeiras, alfarrobeiras e oliveiras. Ambas no sítio da Casa Nova — Salir.

Uma horta no sítio da Casa Nova e outra no sítio do Rio Seco (Salir).

Um bocado de terra com 1 oliveira e 1 alfarrobeira, no sítio do Casarão; outro no sítio de Monte de Guerra (Salir) e outro no sítio do Vale (Salir).

Tratar com Joaquim Rodrigues Guerra — Casa Nova — Salir.

EDITAL

JOÃO ANTONIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que JOSE FRANCISCO requereu licença para instalar uma moagem de cereais de farinha em rama, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada em Monte Ruivo, freguesia de Alte, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando ao norte com José Rocheta Morgado, ao sul e nascente com Adelino Francisco da Silva e ao poente com a referida Rua Padre António Vieira.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 5 de Setembro de 1957

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

João António da Silva Graça Martins

rã tivera oito bacorinhos de uma assentada.

Pulou, saltou, fez sortes do diabo, mas tudo em cima da areia, não fosse alguma onda maldosa levá-la. Mas gostava daquilo, porque assim, podia mostrar melhor, as graças que Deus lhe

Os moços dos barcos que viviam da faina da pesca, ficaram a olhar aquela desventura e, fartos destes espetáculos, diziam lá com eles: a «inglesa» é maluca!

A Mariazinha julgava traduzir os comentários como pontos de exclamação e de admiração da sua «plástica». E espalhava-se toda, salpicando toda a gente, a ponto de uma das Silvinhas lhe ter observado: — Toma juízo mulher, arranja preceito!

Nessa tarde, quiz ir à esplanada — a sensação de estar a sentir-se algarvia e civilizada — mas sentiu-se diminuída no seu modesto vestido. E, depois, era preciso passar e a Mariazinha futurava já a cara dos pais quando soubessem da extravagância do fato de banho.

Algumas coisas ainda a surpreendiam. Uma delas era ver os meninos e meninas, vestirem os melhores fatos e vestidinhos para irem sujar-se na areia e molhar-se à beira mar. Pois não seria mais prático levarem umas roupinhas leves e baratas?...

Aqui, pensava ela, há só a vontade de mostrar coisas, de mostrar que se tem.

As Silvinhas ofereceram-lhe um sorvete de cinco tostões. Ena! que coisa tão fria! Mas é bom!

A noite saiu a passear e muito se admirava que as luzes estivessem apagadas nas ruas para haver uma concentração de claridade de junto dos cafés e esplanada e dizia lá com ela, que os banhistas ricos, eram muitas felizes.

Foi-se convencendo de que os «ingleses», como ela, apenas têm o direito de tomar banho no mar.

Arranjou um flirt com um marinheiro de Quarteira que a queria levar ao cinema.

Mas as Silvinhas não deixaram porque havia necessidade de se «amalharem» ao cair da noite, para se levantarem muito cedo.

E assim foi a temporada de praia da Mariazinha, serrenha que veio até ao banho...

*

Ao regressar já sabia mais do que tinha aprendido em três anos de escola. Conheceria uma vida que ela nem pensava que existisse e fosse de tanta exibição e vaidade, onde cada um gastava o que tinha e o que não tinha e de que, como ela, salam, na generalidade, empenhados.

Mariazinha traz projectos no regressar a casa. Pensa ir servir para melhorar a sua situação económica e completar o seu banho de civilização numa cidade.

Mariazinha viu o que era bom — ou o que ela julgava ser bom — e repetia, consigo mesma; Aquilo é que é vida!

Chegou a casa e deslumbrou a mãe com o que lhe contou. Vestiu o fato de banho para os Pais e os vizinhos verem e descreverem tudo o que apreciava com larga soma de pormenores.

Mas quando falou em servir, os Pais responderam logo, torto e mau! Servir! isso não é para ti!

— E vergonha servir, mas deixa que logo vais à moda do arroz e terás ocasião de ganhar dinheiro e ver novas coisas.

Servir?! Não! Isso é vergonha!

REPORTER X

EDITAL

JOÃO ANTONIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que JOSE GUERREIRO NETO requereu licença para instalar uma oficina de carpintaria mecânica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada na Rua Padre António Vieira, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando ao norte com José Rocheta Morgado, ao sul e nascente com Adelino Francisco da Silva e ao poente com a referida Rua Padre António Vieira.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 5 de Setembro de 1957

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

João António da Silva Graça Martins

CONHECES-ME?

Sou o príncipe da alegria, o companheiro de todos os gozos mundanos, o mensageiro da morte, o rei que governa o mundo.

Estou presente a todas as cerimónias, e nem uma reunião é celebrada sem a minha presença.

Fabrico adulterios, faço nascer no coração os pensamentos criminosos, mancho os lares, sou pai dos filhos sem pai, enveneno a raça, produzo o envilecimento, a depravação, os suicídios, a loucura, o crime em mil e uma formas imagináveis.

Acabo com as famílias os avós e os netos, faço perder a vergonha, a dignidade, a honra.

Ponho um véu sobre os olhos, sobre a consciência e faço aparecer o crime como vingança, a abjeção como passa - tempo, a imoralidade como entretenimento o adultério como conquista ganhante.

SOU O ALCOOL

HORTA

Vende-se uma horta com árvores de fruta e muita água, casa de habitação e rama, na Campina de Cima.

Nesta redacção se informa.

PRÉDIO

Vende-se um prédio, com rez-do-chão e 1.º andar, na Rua Engenheiro Duarte Pacheco.

Tratar com Joaquim Correia Barrocal — Loulé.

Vinho de Lagoa

Da Adega Cooperativa

Ginginha e Eduardino

das Portas de St. Antão

As melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

EDITAL

JOÃO ANTONIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que MANUEL ESTEVENS requereu licença para instalar uma trituradora e moagem de alfarroba de rações para gado, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada na Estrada de S. Brás, n.º 90 — BETUNES, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 5 de Setembro de 1957

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

João António da Silva Graça Martins

Empregada

De preferência com prática de cabeleireira, precisa-se. Nesta redacção se informa.

FONTE DA PIPA

Arrenda-se esta propriedade. Enviar propostas até fins de Setembro a Manuel Guerreiro Pereira — Rua Ataide de Oliveira, 106 — FARO.

Reserva-se o direito de não serem consideradas caso não convenham.

Os cafés de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

ambiente da casa faz muito.

Exigir das autoridades um policiamento da frequência dos cafés é inconsciente e inoperante porque essa fiscalização e digamos seleção de frequentadores deve pertencer única e exclusivamente ao dono do Café que quizer ou pretender captar uma certa freguesia.

O que é preciso ter é uma certa visão, um determinado sentido de afinação, uma nitida queda para dono de café.

Ora em Loulé, afora uma cu duas exceções não há donos de cafés, mas arrendatários de cafés que o que lhes interessa é ganhar, seja lá com quem for, limpos ou sujos, bem criado ou malcriado, de gestos decentes ou grosseiros.

E o mal vem daí!

Se algum dia, um indivíduo de «olho» tomar a iniciativa de fazer um café decente, que prime pela frequência, pela limpeza, pelo aprimoramento dos criados, pela comodidade e bem estar dos clientes, tem êxito asseguradíssimo e pode em pouco tempo marcar uma posição muito distinta da actual.

Não é o cliente que faz o meio mas sim este é que tem de se impor ao cliente, exigir dele certas formalidades e atitudes, compostura, acatamento e delicadeza de maneiras e falar.

Pensar obter isto, com os hábitos já inveterados e costumeiros nos actuais cafés, é tarefa tão impossível que resistiria a todas as acções coitivas.

Só um café que abrisse de novo com meio não contaminado e com propósitos definidos de marcar uma posição e seleccionar uma clientela poderia vingar.

Fala-se na abertura de mais um café na vila.

Que os seus fundadores meditem nisto e observem o que se passou, por exemplo, em Tavira, com o Café Aracada e lhe sigam o exemplo.

Assim, sim, amigo Solimão Fagundes!

R. P.

Transportes de Carga Louletana, L. L.



Largo Tenente Cabedadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24 D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

MOBILIARIA

Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.ª em exposição permanente na

CASA MATIAS

Telef. 210 — LOULÉ — (próximo ao Hospital)

Estofos, decorações, tapeçarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis

Colchões MOLAFLEX

Mesas e cadeiras para CAMPISMO e

A Assistência Hospitalar em Loulé

(Continuação da 1.ª página)

de Assistência tem sido compreensiva e embora precisemos de muito mais, sempre encontramos boa vontade na concessão dos auxílios que temos solicitado.

— E' o reconhecimento do teu esforço...

— Talvez. A nossa melhor compensação, quando nos devemos a um empreendimento destes, está exactamente em nos proporcionarem os meios para melhorarmos e desenvolvemos os serviços. Se o nosso esforço não encontrar o eco para isso necessário, o incentivo esvai-se e nada há de mais desanimador, desanimator e prejudicial, que vermos o nosso trabalho limitado à rotina.

— Na distribuição de sub-sídios a Direcção Geral de Assistência leva em linha de conta, além da capacidade teórica das instituições hospitalares o grau de utilização dessa capacidade, isto é a um hospital de 50 camas permanentemente ocupadas, concede maiores sub-sídios que a outro com a mesma capacidade, mas em que, normalmente só se ocupa metade?

— Com conhecimento de causa não sei o que se passa, mas...

— Dizem que há na província hospitalares muito bons e muito bem apetrechados, mas que, por falta de pessoal médico cirúrgico à altura desse apetrechamento são uma espécie de museus de ferramental...

— Não sei, mas a verificar-se isso estaremos deante de cadáveres com mortalhas de luxo.

Aproveitamos essa deixa par insistir:

— E' de desejar que a Direcção Geral de Assistência, desde que não pode dar vida a esses «cadáveres» e enquanto eles não resuscitem, dispense a sua atenção ao que têm pessoal competente e trabalhador — e fácil será sabê-lo pela natureza e volume do movimento — e para esse se abra em merecida generosidade.

— Bastará que se abra com justiça, mas isso depende em muito da verdade e da amplitude com que Sua Ex.º o Sub-Secretário da Assistência for informado.

— Quanto ao nosso hospital os números que temos estado a compulsar são certamente elucidativos. Podemos sabê-los?

O Dr. Cabecadas, facultando-nos os elementos coligidos informa-nos:

Aqui estão números certos e com referência aos meus 12

meses de Direcção efectiva. Revelam um razável aumento com relação ao ano anterior. Contudo não desejo fazer comparação porque há factos, como a doença do meu antecessor, a melhoria e modernização do arsenal cirúrgico, etc que teriam de ser levados em linha de conta, além de que não desejo más interpretações nem quero ferir susceptibilidades.

O nosso interlocutor compreendera que a nossa conversa não era uma desinteressada curiosidade...

— Compreendo perfeitamente os escrúpulos, mas sob a orientação da tua juventude, alicerçada numa intensa prática nos hospitais de Lisboa, não é possível esconder que isto rejuvenesceu...

Com um sorriso o Dr. Cabecadas atalha:

— Então não é isto tudo novo: edifício, mobiliário, arsenal cirúrgico, etc.?

E exibindo apontamentos, acrescenta:

— De 1 de Setembro de 1956 até 31 de Agosto findo, isto é, durante 12 meses, estiveram internados 702 doentes dos quais 140 não eram do concelho.

— Quantos a mortalidade?

— Faleceram 13, o que representa um índice de mortalidade de apenas 1,8%.

— Também o número de consultas foi grande, pois não?

Continuando a compulsar os números o Director clínico do hospital responde:

— É verdade. Deram-se aqui, durante os já referidos 12 meses, 1717 consultas, das quais me couberam 1503. Destas, 636 foram gratuitas, como gratuitas foram 97 das restantes 290 dadas por outros colegas.

Acrescem ainda 101 observações no serviço de otorrinolaringologia a cargo do Dr. Alves Valladares e desses doentes apenas 41 pagaram a sua consulta.

— Disto se infere que anda quase por metade o número de consultas gratis. É curioso haver quem afirme que no hospital tudo era agora pago, com grave encargo para a classe pobre.

Desejariam que a gratuidade fosse quase geral, mas é evidente que esta instituição tem de sustentar, e é justo que quem tem possibilidades contribua, pagando os serviços que lhe são prestados, para que os mais pobres possam beneficiar da assistência gratuita.

De resto, os internamentos estão sujeitos a escalões, conforme às possibilidades de cada um, e como a diária completa não permite lucros, a di-

ferença nas outras são cobertas pelo subsídio e por outras receitas que, todas juntas, não permitem conceder gratuidade ao doente «remediado».

— Penso que a referência seria aos tratamentos no banco...

— Ai é que a afirmação seria injusta. Os registos mostram que nestes 12 meses foram efectuados 3.186 tratamentos no banco e só em 242 se cobrou a tabela. Foram absolutamente gratuitos 2.944, isto é, 92,3%.

— Se não desse muito trabalho, seria possível descobrir o número de internados por doenças cirúrgicas?

Tenho empenho em saber porque já ouvi dizer que no nosso hospital domina a assistência às doenças desta espécie. E isto porque em certos momentos não havia vaga para doentes de clínica geral.

— Se não havia vaga para esses é porque não havia vaga para os outros, isto é, estava a ser utilizada toda a capacidade hospitalar.

Mas vejamos...

Consultados os registos, verificámos que dos 702 internamentos, 310 o foram por doenças de clínica geral.

Se abatermos aos 392 internados para cirurgia os 140 de fora do concelho, teremos que, dos naturais do concelho ou com domicílio de socorro aqui, 310 sofreram de doenças de clínica geral e 252 se sujeitaram a tratamentos cirúrgicos com internamento necessário.

Declaramos nosclarecidos e pedimos dados sobre o movimento cirúrgico.

Prontamente o Dr. Cabecadas satisfaz:

Durante estes 12 meses fizemos 392 intervenções de grande cirurgia em 252 doentes do concelho e 140 em doentes de fora; e, das primeiras, 207 foram gratuitas. No mesmo período de tempo, além de 11 operações de otorrinolaringologia, efectuaram-se 542 intervenções de pequena cirurgia das quais só foram pagas 127. Quase quatro quintos foram grátis.

— Podes dar-me alguns dados sobre receitas e adquisição de material durante o último ano?

— São os que constam dos livros...

Verificámos então que a cotisação dos irmãos da Santa Casa (cerca de 500) rendeu 14.585\$00 em 1956 e no 1.º semestre de 1957 já atingiu 9.266\$50, e que o produto das consultas dadas pelo corpo clínico, durante os 12 meses atrás referidos, foi de 12.175\$.

Quanto a adquisições, o Dr. Cabecadas expõe:

— Adquirimos por 28.500\$

um aparelho de Raios X portátil, indispensável para certas intervenções cirúrgicas; por 9.500\$00 um aspirador eléctrico para a sala de operações; por 16.500\$00 um aparelho de ondas curtas com canivete eléctrico e ainda 4 divãs-camas para os quartos, por 3.000\$00; 4 carros para transporte de refeições, por 1.800\$00; 4 camas articuladas, por 8.000\$00; 30.000\$00 de ferros cirúrgicos e, por 4.800\$00, um armário para a sala de operações.

Se acreditarmos os 18.550\$00 que ao hospital custou a modificação do aparelho de Raios X antigo, vê-se que se despendiram 120.150\$00.

— E como foram suportados esses encargos?

— 37.500\$00 por auxílio oficial (20.000\$00 do Ministério do Interior e 17.500\$00 do Governo Civil de Faro). O resto proveio de dâdivas de amigos do hospital, de receitas deste e da pacência das casas fornecedoras a quem, contudo, devemos apenas 50 contos...

— Com este movimento — e já se viu que a lotação esteve esgotada por mais de uma vez — não seria oportuno levar a efeito a 2.ª fase das obras de remodelação?

— Evidentemente que isso se impõe, quer para alargarmos um pouco mais a capacidade do hospital quer para acabar com a miséria da ala antiga. As condições de internamento ali são péssimas e o ambiente é desolador.

Por isso mesmo o caso está a ser tratado.

— E vê se possibilidade de conseguir alguma coisa?

— E-tamos optimistas. No passado dia 7 fui recebido por Sua Ex.º o Subsecretário do Estado da Assistência que prometeu todo o seu interesse no sentido de se executar, brevemente, a 2.ª fase das obras. Vamos precisar de receita para contrabalançar a participação...

A conversa seguiu sobre outros temas, mas parece-nos que a parte relatada elucidará os nossos leitores sobre o que tem sido a vida do hospital nestes últimos meses.

Não fazemos qualquer comentário, deixamo-las à consciência dos nossos leitores.

A frase do Dr. Cabecadas — em consciência fizemos o que podemos pelo hospital, deve ter a sua correspondência no coração dos louletanos.

Ha que, na altura própria, dar à Santa Casa da Misericórdia o que, em consciência achamos que devemos dar-lhe.

Temos a felicidade de existir um corpo clínico capaz de

Associação de Assistência À MENDICIDADE

No dia 27 de Agosto findo, publicou o «Século» um artigo intitulado: «A Mendicidade, esse inimigo do Turismo» que numa das suas passagens escreve: — «o perdição profissional é quase sempre um rebeldia a todas as disciplinas, tem os seus processos especialíssimos de despertar a comiseração das pessoas». E logo a seguir o ilustre articulista diz: — «E quando a não provoca lamurianamente impõe-nos pela impertinência, quando encontra resistência, pela ameaça e até pelo insulto». Grande verdade que observamos a cada passo. Dias depois, recebia-mos a «A Voz de Loulé» que num comunicado da digna Direcção da Assistência à Mendicidade, numa das suas passagens, referindo-se aos que ainda aparecem a pedir, diz com mágoa: — «Acabou-se o bater de porta em porta, mas há, infelizmente, quem se exiba a dar esmola às portas das igrejas ou à porta do cemitério, para mostrar que são generosos. A isto não se chama generosidade, chama-se humilhação pública, é um insulto lançado à cara de quem precisa, é sujeitar à vergonha o necessitado de receber essa esmola». Isto é exibicionismo, é val-

dade... A esmola dada nestas circunstâncias é imoral, é insulto. Acabemos com isto para maior decoro dos louletanos que sentem pulsar o coração e que nunca exitaram estender as suas mãos à miséria alheia têm o agrado de Deus, por que sabem ser a caridade o sublime sentimento, por entenderem que ela, a caridade, é a base fundamental do cristianismo, a fonte sublime donde todas devem beber a esperança e a fé do caminho do dever. Ela é ainda o bálsamo espiritual.

Nunca nos cansaremos afirmar que, em Loulé, há o verdadeiro culto da caridade, disto nos orgulhamos, por entender que a esmola às ocultas é sempre agradável e digna de mérito aos olhos do Senhor, e mais o é, quando dada sem vaidade, dada com sinceridade cristã, para que os pobres sintam menos o seu infotúnio e não sofram a humilhação de ter que receber esmola pública.

A Beneficência como a Caridade, que dela é consagração cristã, a consagração suprema, não consiste apenas no donativo material. Se a Beneficência e a Caridade tivessem como única manifestação a esmola, não seriam evidentemente virtudes ao alcance de todos, seriam virtudes privilegiadas, atribuídas aos ricos. Portanto, tanto a Beneficência como a Caridade devem ser como compêndios de verdadeiras virtudes, e que todas as pessoas devem devem exercer.

Se há terras onde a Beneficência exerce já em larga escala, é contestavelmente Loulé uma delas e das primeiras. Os seus filhos e todos aqueles que ali se fixaram têm operado verdadeiros milagres, chamemos-lhe assim, porque a obra de socorro já exerce, desde a fundação da Associação de Assistência à Mendicidade até hoje, com tanta abnegação, ultrapassou em tudo que era esperado de tão poucos para tantos que recebem conforto deste grande monumento de Caridade erguido pelo sentimento caritativo de tão nobre povo que nunca se esqueceu, nem se esquece dos que sofrem e dos que precisam de amparo, e das indigentes que aspiram carinho e proteção.

Este mesmo povo comprehendeu que, sem sacrifício não se cumprem deveres para com o semelhante, e sem abnegação não podem surgir obras de Caridade, que possam multiplicar, caminhar, como têm frutificado e caminhado a Associação de Assistência à Mendicidade, a quem está relegada a missão nobilíssima de amparar quem precisa — os pobres.

Se todas as pessoas fossem benfeicentes em toda a extensão da palavra, como são os louletanos, se fossem generosos com todas as fraquezas e faltas que se observam a quase todos os momentos, se a Caridade fosse exercida como a exerce o Creador — o estado social seria muito diverso do que realmente é, para isso é

(Continuação na 4.ª página)

Consulta externa	Consultas dadas pelo Director	1.503
(sendo 636 gratuitas)	(sendo 636 gratuitas)	209
Outros Médicos	(sendo 97 gratuitas)	1.712
Tratamentos realizados do Banco	(sendo 2.944 gratuitos)	3.186
Consulta de Oto-Rino-Laringologia, a cuidado do Sr. Dr. Émilio Alves Valadares (sendo 41 gratuitas)		101
Movimento Cirúrgico	Intervenções de grande cirurgia:	252
Doentes do Concelho	(sendo 207 gratuitas)	140
Doentes fora do Concelho		392
Total		542
Intervenções de pequena cirurgia:	Gratuitas	415
	Pagas	127
	Total	542
Intervenções de Oto-Rino-Laringologia		11

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ» Número 27

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

mais fervor nas suas rezas. Bem emitiu a sua opinião, mas nada mais podia fazer que lamentar-se, porque a despotica mãe e a mulher o mandavam calar, como se fosse um criado.

Impacientes, porque a construção não corria tão rápida como desejavam, traziam verdadeiramente de rastos operários e criados, obrigando-os a trabalhar dia e noite e até o tradicional auxílio dos vizinhos lhes parecia pouco.

A casa no entanto lá se foi construindo e, quando acabou, da soleira da porta surgiu um fumozinho como o de palha húmida; os operários abanaram a cabeça desconfiados e às escondidas e às claras foram profetizando que a casa nova não duraria mais tempo que a velha.

Mas isto não atemorizou o ânimo das novas moradoras e, para solenizar a sua entrada ali, durante três dias não houve mãos a medir com um ruído banquete que deixou tanta nomeada, que ainda hoje se fala dele. Mas o que ainda mais celebrizou o banquete foi o tal rorreron dum gato que fez com que todos os convivas se despedissem ainda no meio da festa. Só as donas do prédio nada ouviram.

Sim, quem é cego não vê o próprio sol e quem é surdo não ouve as trovoadas; por isso as duas mulheres excediam-se em luxo e ociosidade e para Deus nem um só pensamento.

Cristeu, ainda tentou ter sob a sua vigilância a casa velha, onde a criadagem andava à solta sem temor de Deus, mas a dominação a que tinha sido acostumado não o permitiu. Tanto a mãe co a sua arrogância como a mulher com os seus ciúmes, desvilaram-no categoricamente de tal propósito.

Foi por isso que a vida na casa de baixo se desmoralizou de tal maneira que mais parecia viver ali uma ninhada de gatos bravos do que gente devota. As orações já tinham passado de moda e foram substituídas pela insolência animal da criadagem de língua perversa e destravada. O pão era atirado sem respeito à cara de cada um e a co-

mida resumava fedorentemente sobre as mesas, chegando-se mesmo ao extremo de sujar maldosamente os restos de comida para que os pobres os não pudessem comer. Eram maus vizinhos e causadores de grandes arruelas por causa do gado que molestavam. O pobre pâroco, que lhes fizera uma prega salutar para as suas almas em perigo era chacoteado grosseiramente por eles e tanto os serviços divinos como os poderes superiores eram desrespeitados. Reinava um espírito maldoso entre aquela gente ignara e, tão maldoso e átilvo se tornou, que um dos criados para assustar o sexo fraco lembrou-se de tirar papas de leite ao bateque ao mesmo tempo que dizia, fingindo-se condoido: «Toma pobrezinha, deves ter muita fominha! Há tantos séculos sem comer...».

As criadas prometiam-lhe tudo que podiam, mas o labroste re-

petia a brincadeira entre as garras dos companheiros que tinham também perdido o medo. Como a brincadeira, à custa de tanto repetida já não causava susto, o atrevido servo começou a esgaravar na pedra e a dizer entre obscenidades que queria ver o que lá estava dentro. Ninguém lhe ia a mão, porque entre toda aquela matilha era um dominador, e o susto deixava tudo apavorado.

Era um ser ambíguo que por ali acampava, sem se saber donde viria, ora manso como um cordeiro, ora feroz como um lobo. Tinha doces fal

A Câmara de Loulé está evidenciando os seus melhores esforços no sentido de preparar um edifício onde a Escola Industrial e Comercial de Loulé possa iniciar as aulas ainda no corrente ano, como é desejo do Ministério da Educação Nacional.

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Setembro:

Em 16, a sr.ª D. Cândida Mendonça Filho.

Em 19, o sr. Raul Rafael Pinto.

Em 23, a sr.ª D. Josefinha Alexandra Piedade Barros Ferro e seu esposo sr. Eng. Joaquim José Ferro, residentes em Lisboa.

Em 24, o menino Carlos Domingos Leonardo da Fonseca e a menina Maria Tereza Rocheta.

Em 25, o sr. Eng. João Farragota Rocheta, residente em Lisboa e a menina Maria João Garcia Laginha Serafim, residente em Lisboa.

Em 26, as meninas Eugénia do Nascimento Mendes e Marina Nascimento Mendes.

Em 29, o sr. Manuel Alagoinha Borges, a sr.ª D. Lídia de Camões Guerreiro Matias, residente em S. Braz de Alportel, a menina Maria Flávia Bota Leal e os meninos Sebastião Morgado dos Santos e Amílcar Manuel do Nascimento Caeiros.

PARTIDAS E CHEGADAS

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta o sr. António de Sousa Carrusca, nosso prezado amigo e dedicado assinante em Lisboa.

Em viagem de recreio, deslocou-se à Itália a nossa conterrânea sr.ª Dr.ª D. Maria Amélia Ramos Elias.

Em goso de férias encontra-se em Almancil onoso esti-mado assinante em Lisboa sr. Manuel de Brito Pires.

Após ter passado uma temporada em Loulé, regressou a França a nossa conterrânea e assimante sr.ª D. Isabel Martins Cabrita, que se fez acompanhar de seus filhos Afonso Rodrigues e Lizete Maria.

Vindas de Lisboa encontram-se em Quarteira a passar as suas férias, as sr.ªs D. Marília Fernanda Lemos de Brito e D. Cândida Martins Ramos.

Em goso de férias, está em Quarteira o nosso prezado assinante em Lisboa sr. José Vicente Pires de Brito.

Cumprimentámos na nossa redacção o sr. Viriato da Sousa Madeira, funcionário da Shell em Lisboa e nosso prezado assinante.

A fim de presidir ao casamento de sua prima, a nossa conterrânea sr.ª D. Ana Barreto Campinas, partiu para Guimarães o Rev. P. Analide Coelho Guerreiro.

Com curta demora esteve Loulé o nosso prezado amigo e assimante em Lisboa sr. Victor Vicente de Brito.

De passagem por esta vila, tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso prezado amigo e colaborador sr. Dr. Virgílio Passos, Director do Colégio de Odemira.

Acompanhado de sua esposa, está em Loulé em gozo de férias o nosso prezado amigo e assimante sr. Raul Baptista Machado, enfermeiro-chefe dos Hospitais Civis de Lisboa.

CASAMENTO

Realizou-se em Quarteira o casamento da sr.ª D. Maria Antonieta Leal Pontes, diplomada com o curso de Magistério Primário, filha da sr.ª D. Maria da Conceição Leal Viegas Pontes e do sr. Ernesto de Sousa Pontes, comerciante e proprietário, com o sr. Carlos Silva Trindade Gravata, funcionário da Direcção de Estradas, filho da sr.ª D. Célia Raquel Silva Gravata e do sr. Rogério Alexandre Trindade Gravata, de Cascais.

Apadrinharam a noiva sua tia sr.ª D. Rosinda Leal Viegas de Brito e seu marido, sr. João Vicente de Brito, e apadrinharam o noivo a sr.ª D. Maria Inácia Vaz de Carvalho e seu marido o sr. Dr. Nuno Alvares Pereira Vaz de Carvalho.

Os nossos parabéns aos noivos, com votos de feliz vida conjugal.

FALECIMENTOS

Faleceu em Faro, no passado dia 7, o maestro António Maria Rebelo Neves, conhecida figura nos meios cultos do Algarve.

Antigo funcionário superior de finanças e depois professor efectivo de canto coral no Liceu de Faro, cargo de que se aposentou por limite de idade, o falecido era aparentado com uma das mais antigas e ilustres famílias desta vila.

Era casado com a senhora D. Maria de Albuquerque Rebelo, pais dos nossos queridos amigos Dr. José de Barros Rebelo Neves e Aurélio Rebelo Neves e D. Maria Valentina Rebelo Neves Fonseca de Mendonça e sogro do sr. Dr. Fernando Fonseca de Mendonça, conservador do Registo Predial em Faro e cunhado da

A Voz de Loulé

Os Cafés de Loulé

Levantou forte celeuma o artigo assinado por Solimão Fagundes no número de 1 do corrente deste jornal.

Uns acham que é violento de mais, outros acham que é mesmo assim e já ouvi alguém afirmar que o que se disse ainda é pouco. Também houve quem se lembrasse de dizer que o Solimão Fagundes era o signatário, naturalmente porque, às vezes, também bate forte e duro, quando é preciso.

Mas não! Neste caso vou dizer o que penso.

De facto a frequência dos cafés de Loulé — guardadas as devidas exceções — é fraca, e não pode, na maior parte das vezes senão da ideia, ao visitante desprevenido, de pouco selecta.

Mas daí ao ponto de se cobrir a frequência do café a todos os jornaleiros, operários, trabalhadores rurais que se apresentam com as

ao serviço da sua garrafeira.

V. Ex.ª pode possuir excelentes licores, na sua frascaria, com um dispêndio mínimo.

Basta visitar a mercearia de ANTÓNIO DA SILVA — Rua 5 de Outubro, 45 em Loulé, onde encontrará «PRESTO» no paladar que mais lhe agrade.

Professora

Diplomada pelo ensino primário particular e com longa prática, lecciona as 1.ª lettras e todas as classes do ensino primário.

Avenida José da Costa Mealha-109.

MONTRA

Vende-se armação de montra, incluindo o respectivo vidro.

Tratar com Vital Campina Mealha — Loulé.

Liceu Nacional de Faro

Inspecções médicas

Previnem-se os candidatos à primeira matrícula neste Liceu, de que esta só se considerará definitiva depois da inspecção médica a que terão de sujeitar-se, devendo, para este efeito, comparecer no Gabinete do Médico Escolar, no edifício do Liceu, nos dias e horas a seguir indicadas:

Candidatos residentes em Faro — 28 de Setembro

Sexo masculino 9 horas
Sexo feminino 15 horas

Candidatos não residentes em Faro — 30 de Setembro

Sexo masculino 9 horas
Sexo feminino 15 horas

senhora D. Luisa de Albuquerque Rebelo, Major Luiz de Albuquerque Rebelo e Dr. Francisco de Albuquerque Rebelo, meretíssimo Juiz na Figueira da Foz.

Também no dia 9 faleceu em Lisboa o sr. Manuel Teotónio de Assumpção, natural desta vila, que deixava viúva a senhora D. Maria Farrajota Cavaco da Assumpção e era cunhado do nosso prezado amigo e assimante sr. José Guerreiro Farrajota Cavaco, D. Clínida Farrajota Cavaco Ramos, casada com o também nosso amigo sr. José Maria Ramos, funcionário superior dos C. T. T. em Faro e do sr. Orlando Farrajota

As ilustres famílias enlutadas apresentamos sinceras condolências.

A carta anónima

Por mais de uma vez temos verberado nas colunas deste jornal, o hábito pernicioso e miserável do uso e abuso que, na nossa vila, existe da carta anónima.

Cultiva-se, com frequência esse vício impróprio de gente bem formada, de seres humanos com dignidade mental, esse vómito negro de almas perversas e vis, que bolsam das esterqueiras das suas infecções mentalidades a baba peçonhenta e infame sobre todos aqueles a quem a sua inveja maldosa distinguiu.

Não se lembram que Deus não dorme e que, deste acto imundo e fetido, terão de dar contas mais cedo ou mais tarde, terão de sofrer a penitência que a Providência reserva a quem não anda por caminhos direitos, claros e dignos.

Não pensam que, felizmente, a maioria das pessoas a quem esses traiçoeiros sistemas de facada se destinam são pessoas bem formadas e que, de uma carta anónima, não se tira mais que uma ilação.

É que o visado tem inimigos que só conseguem distinguir-lo querendo ameaçá-lo!

Não sentem toda a cobardia de um acto de pirataria infamante e indigna feita através de um envelope e de uma estampilha fiscal!

Mais cobardes, mesquinhos e vis que os antigos rufias que, apesar de assaltarem às esquinas, ainda arriscavam o corpo, e podiam receber o prémio da sua vil altitude.

Tudo isto para esses micrões da sociedade, é pouco, porque, em geral, a sua pele está crivada de pustulas e nas suas famílias as vergonhas são tantas que nada já os impressiona senão a inveja daqueles que lhes são infinitamente superiores em tudo.

Desgosta enfim saber que, em Loulé, ainda há tanto vampiro que cultiva o género da carta anónima!

Azorraguemo-los com estes anatemas escaldantes para ver se no fundo da alma verrinosa que lhes domina o cérebro e o pensamento, ainda há alguma coisa que se aproveite, algum resto não contaminado de peçonha e veneno.

R. P.

FUTEBOL NO ALGARVE



Um notável melhoramento NACIONAL

(Continuação da 1.ª página)

nal, é nas características que contém de desenvolvimento e ligação de duas faces, de duas partes, do continente metropolitano, até aqui separadas por todas as dificuldades de comunicação.

Esse sim, que é o argumento essencialmente nacional da obra.

Esse sim, constitue o interesse eminentemente nacional, porque torna fácil, de todo o País, o acesso às duas zonas diferentes, através da sua capital, centralizadora de toda a actividade da Nação.

E as vantagens de imediata e automática realidade, repercutir-se-ão na elevação do nível de vida e no interesse e fomento turístico do Alentejo e Algarve.

Não é só Lisboa que colhe todas as vantagens específicas no editorial do «O Século».

Somos nós, sobretudo os que estamos àquela do Tejo, que vamos usufruir os benefícios de tão maravilhosa concepção e que por ela sonhávamos e aspirávamos há tantas centenas de anos.

E o Alentejo e o Algarve, com toda a traça de virtualidades turísticas, com toda a gama do seu folclore e das suas belezas naturais que vai ter aberto um roteiro, até aqui displicentemente apreciado pelas dificuldades de acesso que oferecia.

E a própria integração destas duas lindas províncias no conjunto Pátrio, até aqui separadas por uma ligação precária e aborrecida.

E na unificação fácil, completa e perfeita de todas as zonas do País que está o sentido específico da função nacional da portentosa obra.

Assim é falar de baixo para cima, como convém e impressiona os que vivem cá deste lado.

R. P.

Associação de Assistência à Mendicidade

(Continuação da 1.ª página)

Correio diário nas freguesias da vila

Sem grande espanto, como por vezes é hábito, levaram os C. T. T. acabo há pouco tempo um melhoramento importantsíssimo para as nossas freguesias rurais, cujas populações por esse motivo bastante se regozijam.

Referimo-nos à distribuição DIÁRIA de correio, que começou exactamente no pretório dia 16 de Agosto. Desde essa data, a correspondência é recebida em todos os lugares das freguesias de S. Clemente e S. Sebastião no mesmo dia em que chega à Estação local — em vez de dois ou três dias depois, como antes acontecia.

Muito nos regozijamos com o facto, pois na verdade trata-se de uma medida que veio beneficiar grandemente o comércio, a indústria e até os simples particulares residentes nessas regiões.

Felicitamos as populações beneficiadas por esta regalia de que passam a disfrutar e a Administração dos C. T. T. pela feliz liberação, pois prova assim que os seus dirigentes se preocupam em servir melhor o público.

Breve trataremos das possibilidades da construção do Refetório.

Augusto C. Bolotinha

Trespassa-se a antiga Pensão CASTANHO LOULÉ

J. G.

Informa a redacção deste jornal.

PIPAS

Compram-se em bom estado.

Informa a redacção deste jornal.

Cafés...

Em recente artigo do nosso prezado colaborador que se oculta sob o pseudônimo de Solimão Fagundes, foi focado o que, sem dúvida alguma é para vergonha nossa, se pode chamar a mazela dos nossos cafés. Salvo nota caricatural, o que se escreveu traduz o que é o ambiente do café nesta vila e ainda há dias um forasteiro nos fazia notar o desconforto desses estabelecimentos, quer no que respeita às próprias instalações, quer quanto ao serviço quer ainda quanto ao vestuário de criados, engraxadores e frequentadores.

Essa pessoa os classificou com propriedade como reles botequins.

Cremos que os responsáveis por tudo isto são os proprietários e exploradores desses estabelecimentos que não sabem conservar-lhes o nível correspondente aos «cafés», os próprios frequentadores que se sujeitam ao mau serviço, às incorrecções dos criados e se deixam irmanar com os que não têm a compostura conveniente e as autoridades que não obrigam os proprietários a satisfazerem as condições legais de higiene, estética e decoro.

Agora que a questão foi levantada, será oportuno que a Câmara e o S. N. I. revejam a classificação desses estabelecimentos e que aqueles que não satisfazem às condições necessárias, passem a ter alvará de botequim e a sujeitarem-se ao respectivo regime.

Estamos quase no fim do ano, pois tomem-se já as providências necessárias para que, ao tirarem novas licenças para o ano novo, se possa impor aos cafés uma vila nova.

Que quem passa por aqui não leve a impressão de que em Loulé só há tabernas e de que a população desta vila continua a satisfazer-se com o pígio e com o reles.

J. R.

QUARTEIRA

Teem sido extraordinariamente animados e concorridos por veraneantes de outras praias, os espectáculos seguidos de baile, que às 5.ª feiras se realizam na Esplanada desta Praia.

No dia 12 beneficiámos de uma noite muito agradável, — como são, geralmente, as noites da beira mar pois, como diz o poeta, tem por pano de fundo...

a procissão das velas pescando à linha e ao candeeiro!

Os frequentadores da Esplanada assistiram a um bom serão de arte, e a mais uma exibição da afamada Orquestra Pax Júlia. Actuaram, Maria Eduarda, boa voz algarvia hoje ao serviço da Rádio, e Joseca, um artista cada vez mais perfeito nas suas imitações e números originais.

Na próxima quinta feira, dia 19, exibem-se os artistas Yola e Paulo, bailarinos de nomeada, que já actuaram em filmes; e serão executadas as músicas da Canção da Praia de Quarteira, para cujo prémio de mil escudos já se receberam várias composições.